

Retextualização de Texto Oral

Flávia Andréia dos Santos¹

Lúcia Gandarillas Cabrera²

Vera Lúcia Góes³

Resumo

Exporemos neste trabalho a prática da retextualização de um texto oral para um texto escrito, baseado no modelo proposto por Marcuschi. Nesse, encontramos a diferença entre a língua escrita e a língua falada. O trabalho baseia-se em um fragmento, de tipo Elocução Formal(EF), extraído do inquérito 375 do Projeto NURC/SP, que constitui parte de uma aula universitária sobre Análise Textual, cujo informante é do sexo feminino, com 34 anos na época (22/09/1976) e o inquérito de número 415. O processo de retextualização demonstra a insustentabilidade da visão dicotômica acerca da relação entre fala e escrita, uma vez que através dele podemos identificar as semelhanças e diferenças entre o texto falado e o escrito.

Palavras-chave: *Texto oral, texto escrito, retextualização*

1. Introdução:

Hoje, sabe-se que a escrita não representa a fala seja qual for o ângulo de análise, e que essa não é um texto construído caoticamente, tampouco a escrita sempre se comporta como um texto “controlado e bem-formado”(Marcuschi 2000:47). O informal/formal são possibilidades de usos da língua fala e da língua escrita, e não atributos. Por isso, não podemos estabelecer relações hierárquicas entre ambas, nem se pode dizer que a retextualização visa à organização do texto oral, pois fala e escrita são duas alternativas sócio-interativas da língua, com semelhanças e diferenças.

A retextualização está presente no cotidiano, dentre as mais diversas atividades. A anotação de aulas, uma pessoa contando a outra alguma notícia lida em um jornal, por

¹ Graduanda em Letras pela FFLCH-USP, com habilitação em Português e Alemão.

² Graduanda em Letras pela FFLCH-USP, com habilitação em Português e Inglês.

³ Graduanda em Letras pela FFLCH-USP, com habilitação em Português e Alemão.

exemplo. Pode ser realizada da ordem da fala para a ordem da escrita, e vice-versa. Não obstante, retextualizar não é um ato mecânico, pois exige operações complexas e inferem no código e no sentido do texto – na forma e substância da expressão e do conteúdo -, como foi frisado por Marcuschi(2000:70),

toda atividade de retextualização implica uma interpretação prévia nada desprezível em suas conseqüências. Há nessa atividade uma espécie de tradução ‘endolíngua’, que, como em toda a tradução, tem uma complexidade muito grande.

Contudo, deve-se ter cuidado com o contexto, pois, afinal, deve-se lembrar que a autoria será atribuída ao emissor do texto retextualizado. Marcuschi ressalta ainda que a retextualização deve se basear em uma transcrição fidedigna. O texto-base deve conter a menor interferência do documentador possível.

Como dissemos, retextualizar é uma tarefa que envolve operações complexas. Marcuschi as expõe em seu estudo, determinando nove delas – no caso da passagem do texto oral para o escrito -, de modo que essas se agrupam em dois conjuntos: operações que se fundem nas estratégias de eliminação e inserção; e operações estratégias de substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação, sendo esse último grupo o responsável pelas mudanças mais acentuadas no texto. Embora o autor exponha nove operações, há textos que dispensam a execução de todas essas, nos quais a retextualização já se completa após os primeiros procedimentos como a eliminação de marcas interacionais e a introdução de pontuação no texto-base. No trabalho em questão, as primeiras sete operações foram aplicadas. Aquelas que visam à reordenação tópica do texto foram dispensadas (operações oito e nove), pois o texto-base se tratava de uma Elocução Formal (EF), que tem caráter didático - reprodução de aulas e conferências – e por isso, normalmente, tem uma seqüência argumentativa satisfatória. Como resultado, obtivemos um texto de menor extensão, o que é natural na passagem do nível oral para o escrito. A mudança mais significativa deu-se na eliminação de elementos interacionais.

2. Aplicando a retextualização

Com a primeira operação, retiramos hesitações e partes de palavras, que, segundo o autor, somam, geralmente, cerca de 20% do material fônico eliminado, dependendo do

gênero textual. Os segmentos de palavras iniciadas e não-concluídas, bem como a hesitação. Ambos são freqüentemente relacionados à correção, pois são mecanismos de formulação textual. A correção se faz presente diversas vezes em textos orais, como se pode constatar no inquérito analisado. A hesitação é substituída por pontuações no texto escrito, e a correção é eliminada na retextualização do texto oral para o escrito. Além disso, outras peculiaridades interacionais são eliminadas nessa operação, como eventuais sobreposições, e elementos lexicalizados ou não, que sejam típicos da fala.

a) hesitações:

“(...)um esquema...eh:: dos aspectos(...)”

Retextualizando este fragmento de imediato: **um esquema dos aspectos**

b) elementos lexicalizados ou não-lexicalizados, típicos da fala:

“(...)bem gente HOJE...(...); (...)vejam bem... a cor da água...(...)”

Retextualização imediata: **Hoje; a cor da água**

c) segmentos de palavras iniciadas e não-concluídas que aparecem na transcrição:

“(...)adul/ou jovens (...); (...)a funça/a função(...)”

Retextualização imediata: **ou jovens; a função**

d) sobreposições ou partes transcritas como duvidosas:

“(...) ‘O domingo’ de (Walter) Campos...(...); como vocês fizeram no(...)”

O autor sugere que os fragmentos duvidosos sejam eliminados, contudo, em alguns casos, pode-se deduzir o que foi dito, e adaptá-lo de acordo com o contexto. No caso do fragmento exposto no item d, a dedução de que o fragmento duvidoso (Walter) fosse, na verdade, Paulo Mendes é justificável, pois trata-se do nome de um escritor, e podemos

inferi-lo devido ao contexto, pois se trata de uma aula sobre análise textual. Levando em conta o contexto, temos a retextualização imediata:

(...)de Paulo Mendes Campos(...); como vocês fizeram no texto anterior(...).

Dando continuidade no processo de retextualização da passagem do texto oral para o escrito aplicaremos a segunda operação do modelo das operações textuais-discursivas proposto por Marcuschi. Nela o autor sugere a introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas, seguindo, nesta primeira tentativa a sugestão da prosódia. Esse assunto terá continuidade na quarta operação sob a perspectiva da pontuação detalhada. Para melhor compreendermos a segunda operação do modelo iniciaremos uma breve definição do termo prosódia.

Prosódia, para o dicionário Houaiss dentre outras definições para a área da fonética e retórica é “a entoação de voz que revela intenção ou sentimento de quem fala; inflexão, entonação”. Portanto, ao aplicarmos na transcrição o processo relativo à segunda operação constatamos que esta estratégia é levada por um forte indício de interpretação, ou seja, essa pontuação intuitiva depende fortemente da intenção entoacional aplicada no texto pelo indivíduo que a faz. Essa pontuação “quase espontânea” (Marcuschi 2000: 78) leva em consideração a indagação de que se ocorre ou não uma espécie de transformação na medida em que coincide com os mesmo “slots ou nichos ecológicos” (Marcuschi, 2000: 78) dos marcadores eliminados na primeira operação. Pode-se considerar no caso analisado que aplicando a segunda operação na transcrição não ocorre uma transformação propriamente dita, resultado que obteremos em maior ênfase com a aplicação das operações cinco, seis e sete, cujas estratégias de execução abrange instrumentos para substituição, seleção, acréscimo, reordenação e condensação.

Aplicamos a seguir em um trecho da transcrição a mostra de inserção de pontuação intuitiva sugeridos pela prosódia:

(...) bem gente HOJE ...diferente da aula/ diferentemente daquilo que a gente havia feito da outra vez...nós vamos fazer uma aNálise...um pouQUInho mais detalhada...é um texto ma::is complexo... e: é o que eu chamaria de uma análise de texto em nível Dois... a adequação desse texto...eu creio que vocês queriam/ que vocês poderiam adequar...que seja pra um colegial bom...pra um segundo grau bom...ou então pra uma oitava série...já

mais avançadas também ... até pra faculdade... se você teve disponibilidade de trabalhar com aluno de faculdade...(...)

Aplicação da operação dois no texto transcrito:

Hoje, diferente da aula/ diferentemente daquilo que a gente havia feito da outra vez, nós vamos fazer uma análise, um pouquinho mais detalhada, é um texto mais complexo, e é o que eu chamaria de uma análise de texto em nível Dois, a adequação desse texto, eu creio que vocês queriam/ que vocês poderiam adequar, que seja pra um colegial bom, pra um segundo grau bom, ou então pra uma oitava série, já mais avançadas também, até pra faculdade, se você teve disponibilidade de trabalhar com aluno de faculdade.

Já a operação três e quatro aproximam-se do conceito de transformação propiciada pelas atividades de reformulação. Sabe-se que o texto oral tem como característica a repetição de elementos lexicais, sintagmáticos, estruturais que geram um maior volume de elementos reduplicados desnecessários para a constituição do texto escrito. O fenômeno da reduplicação aplicado pela operação três citado por Marcuschi implicou no processo de retextualização aqui trabalhado uma maior ênfase no nível sintático e discursivo, ou seja, não se restringiu apenas à reduplicação lexical, abrangendo repetições parafrásticas e expressões redundantes. Por paráfrase entendemos a sinonímia do plano sintático, ou seja, falar com outras palavras aquilo que foi dito anteriormente, porém não vamos aprofundar sua definição, pois por se tratar de um fenômeno em nível semântico do enunciado apresenta teorias amplas e divergentes. O mesmo acontece com a designação de redundância. Vamos direto a um trecho retextualizado cujo corte de repetições se adequa às regras de regularização e idealização formais para a produção do texto escrito.

Aplicação da operação três:

“(...)diferente da aula...diferentemente daquilo que a gente havia feito(...)”

Nesse fragmento, a “aula” remete à “aquilo que a gente havia feito”, pois a aula em questão foi já realizada pela informante. A repetição, nesse caso, é sintagmática.

Retextualizando:

Diferentemente daquilo que a gente havia feito.

“(...)que seja pra um colegial bom...pra um segundo grau bom...(...)”

Aqui houve repetição da idéia, a informante empregou dois sinônimos – “colegial e segundo grau” - ,e a retirada de um dos termos proporciona uma condensação satisfatória ao texto:

(...)pra um segundo grau bom(...).

“(...)outros aspectos que a gente poderia pensar em...em(...)”

Nesse fragmento há repetição simples de um termo, no caso “em”, que é uma preposição.

Das operações de idealização lingüística proposta pelo modelo, falta relatarmos a operação quatro, a qual pode ser classificada como o liame entre o conjunto do grupo das operações que se fundam nas estratégias de eliminação e inserção e o grupo das operações que regem a transformação propriamente dita da passagem de um texto oral para um escrito.

Vale ressaltar o caráter parcial dessa operação, pois mesmo apresentando características de transformação, ela ainda se mantém provisoriamente como a última das quatro primeiras operações do modelo. Isso acontece porque ela introduz a paragrafação e pontuação detalhada, porém não modifica a ordem dos tópicos discursivos cujo assunto será tratado na operação de número oito. Entretanto, vale-se ressaltar que aplicando a pontuação e a paragrafação nesta Elocução Formal, tem-se uma proximidade bem sucedida ao texto escrito. Pois, via de regra a Elocução Formal tratada é uma aula que apresenta argumentos e tópicos geralmente bem organizados. Veremos a seguir que pontuada formalmente e paragrafada a transcrição, temos a impressão de que o texto oral passou por um processo “disciplinar”, embora a oralidade traga em sua constituição suas

próprias normas de organização. A pontuação é um recurso que permite, através de um conjunto sistematizado de sinais gráficos e não gráficos, expressar na língua escrita um espectro de matizes rítmicas e melódicas características da língua falada. No intuito de suprir esta lacuna e tentar aproximar a escrita da variedade da elocução oral recorre-se à pontuação. Já a questão de paragrafação não está obrigatoriamente ligada à questão da pontuação, de modo que aquela diz respeito a uma decisão de agrupamento semântico por outros critérios, como bem mostrou Arabyan para o francês.

Aplicação da operação quatro:

Trecho da transcrição:

como no texto anterior...se bem que vocabulário deve ser trabalhado da mesma forma...não se esqueçam de trabalhar::o vocabulário sempre dentro do contexto... pra que seja escolhida a::/ a acepção que mais couber dentro do contexto..outros aspectos que a gente poderia pensar em...em destacar aqui nesse texto...seriam aqueles aspectos de linguagem...que saltam diretamente aos olhos desde que a gente analisa...

Trecho paragrafado e pontuado detalhadamente:

Como no texto anterior, se bem que vocabulário deve ser trabalhado da mesma forma, não se esqueçam de trabalhá-lo sempre dentro do contexto, pra que seja escolhida a acepção que mais couber. Outros aspectos que a gente poderia pensar em destacar aqui nesse texto, seriam aqueles aspectos de linguagem, que saltam diretamente aos olhos desde que a gente analisa.

Nas operações cinco e seis prevalecem as atividades que tem relação à “substituição e reorganização” de natureza pragmática - operação cinco - e morfossintática - operação seis -, com ênfase para a exemplificação de referentes e para a ordenação e regularização sintática. Aqui as idéias de completude, regência e concordância são muito perceptíveis. É uma seleção na linha da padronização lingüística, onde se procura eliminar os fenômenos típicos de variação lingüística. Com ela, é possível ter a consciência de que existe um padrão e uma norma na escrita, onde se busca a concordância morfossintática. As construções com o sujeito da frase no plural e o verbo no singular - “a gente vamos” - não são admitidas na escrita, assim como as frases inacabadas. Não se pode permitir também, num texto escrito, as anáforas pronominais sem antecedentes explícitos ou dêiticos que não possuam seu referente imediatamente reconhecido.

As operações de transformação de cinco a nove não são detectáveis por si sós em sua aplicação. Na operação cinco temos a introdução de marcas metalingüísticas pra referenciação de ações e verbalização de contextos expressos por dêitico -estratégia de reformulação objetivando explicitude.

Os dêiticos são elementos lingüísticos que indicam o lugar ou o tempo em que um enunciado é produzido ou então os participantes de uma situação de produção do enunciado, ou seja, de uma enunciação. Os pronomes pessoais que mostram os participantes da comunicação, “eu/tu”; os marcadores de espaço, como os advérbios de lugar e os pronomes demonstrativos (“aqui, lá, este, esse, aquele”), os marcadores de tempo (“agora, hoje, ontem, amanhã”) são considerados dêiticos. Este só pode ser explicado dentro de uma situação de comunicação, e, se aparece em um texto, deve ser explicado. É necessário conhecer a situação de uso dos dêiticos para entendê-los, pois possuir o conhecimento lingüístico não é suficiente.

Podemos ver como exemplos de utilização de dêitico no texto em questão:

“(.....).....ou então pra uma oitava série...já mais avançadas também ...(...)”

Observamos que “então” pode atuar nos níveis frasal e textual, exercendo, naquele, a função de um advérbio dêitico de tempo e assumindo, neste, a de um operador argumentativo, na expressão de uma dependência lógico-semântica de decorrência, conclusão ou resultado, assentada na relação de implicatividade entre fatos ou argumentos, dentro da proposição. No texto em questão, este dêitico assume a função de operador argumentativo e é utilizado por diversas vezes pela informante.

“(.....)como no texto anterior, pois aqui, serão crianças ou jovens que não terão tantos problemas de vocabulário(...)”

A informante organiza no tempo e espaço os fatos e os objetos de que fala, e toma de início o momento e local em que se encontra.

Hoje, diferentemente daquilo que havíamos feito...

“Hoje” como marcador de tempo.

Na seis operação se faz a reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos -estratégia de reconstrução em função da norma escrita. Neste processo, é feita a reordenação sintática com a produção de enunciados mais objetivos.

Na retextualização do texto, temos exemplos de uso da sexta operação:

“(...)HOJE ...diferente da aula...diferentemente daquilo que a gente havia feito da outra vez(..)”

Hoje, diferentemente daquilo que havíamos feito

“(...)eu creio que vocês queriam/ que vocês poderiam adequar(...)”

Acredito que esse texto pode ser adequado a

“(...)...NEsse aqui...o a/a estrutura verbal...(...)”

Neste texto, por exemplo, a estrutura verbal é

Nesta operação há o peso maior da normatização da escrita e, por isso, é delicada e implica ações muito importantes e diversificadas.

2.1. Tratamento estilístico

“O estilo é pensado em toda e qualquer forma de comunicação” (Brait 2002:136, 137). O estilo não se relaciona com aspectos psicológicos, nem com a biografia do autor, e sim com

um enfoque específico sobre o discurso, os textos, as formas linguísticas, enunciativas, discursivas que, reiteradas, modificadas, retomadas, apontam para o estilo genérico (aspectos que podem caracterizar um determinado conjunto de textos que forma um gênero)(...). (Brait 2002:137).

O tratamento estilístico, que constitui a operação sete, não se dá apenas no nível sintático e lexical, implica também mudanças no campo semântico. Esse procedimento não tem critérios muito claros de execução, como a primeira operação de retextualização, por exemplo. É necessário que o operador tenha um bom domínio do texto escrito, para que não haja grande perda de conteúdo semântico.

“(...)nós vamos fazer uma análise(...)”

Faremos uma análise

“(...)vai ser feita(...)”

Será feita

“(...)vocês vão ver logo em seguida(...)”

Vocês verão

No caso destes fragmentos, o futuro do presente que, quando composto pelo verbo ir seguido de outro no infinitivo é mais comumente encontrado na língua oral, é substituído por outra construção, o futuro do presente simples.

“(...)um pouquinho mais detalhada(...)”

Um pouco mais detalhada.

O uso de diminutivo, que também é típico da linguagem oral, foi eliminado, para também se adequar ao texto escrito.

“(...) um segundo grau bom(...)”

Um bom segundo grau

“(...) seriam passíveis de ver em todos os textos(...)”

São perceptíveis em todos os texto

Nesses fragmentos, foi preciso mexer na ordem de colocação do adjetivo, que estava à direita do substantivo, e peculiar a textos orais. Foi preciso, no último fragmento citado, acréscimo lexical que não estava no texto-base. As mudanças estilísticas procuraram seguir o perfil da Elocução Formal. Para isso, algumas peculiaridades da fala da informante foram anuladas, como o emprego de formas verbais compostas, que aparece diversas vezes em seu texto oral, como foi exposto acima.

2.2 Tabela comparativa do texto-base e texto final retextualizado⁴

Após a aplicação das operações necessárias ao texto oral em questão, temos o texto escrito final, exposto na tabela abaixo.

Retextualização(texto final)	Texto oral
Hoje, diferentemente daquilo que havíamos feito, faremos uma análise um pouco mais detalhada.	<i>bem gente HOJE ...diferente da aula... diferentemente daquilo que a gente havia feito da outra vez...nós vamos fazer uma aNÁLise...um pouQUInho mais detalhada..</i>
É um texto mais complexo, de análise em nível dois. Acredito que esse texto pode ser adequado a um bom segundo grau, a oitava séries mais avançadas, podendo, se houver disponibilidade, trabalhar com alunos de faculdade.	<i>é um texto ma::is complexo... e: é o que eu chamaria de uma análise de texto em nível Dois... a adequação desse texto...eu creio que vocês queriam/ que vocês poderiam adequar...que seja pra um colegial bom...pra um segundo grau bom...ou então pra uma oitava série...já mais avançadas também ... até pra faculdade... se você tiver disponibilidade de trabalhar com aluno de faculdade...vocês poderiam trabalhar..</i>
Nesse texto, “O domingo” de Paulo Mendes Campos, poderíamos trabalhar inicialmente com o aspecto do vocabulário, porém não será feita uma análise detalhada, como no texto anterior, pois aqui, serão crianças ou jovens que não terão tantos problemas de vocabulário. Entretanto, o vocabulário deve ser trabalhado, para que seja escolhida a acepção que mais couber dentro do contexto.	<i>...então nesse texto “ o domingo” de (Walter) Campos...a gente poderia trabalhar inicialmente... com aquele aspecto do vocabulário...só que aqui... num vai ser feita... uma aná:lise detalha:da como vocês fizeram no () ... que serão crianças ou adul ou jovens ...que não terão tantos problemas de vocabulário... como no texto anterior...se bem que vocabulário deve ser trabalhado da mesma forma...não se esqueçam de trabalhar::o vocabulário sempre dentro do contexto... pra que seja escolhida a:/: a acepção que mais couber dentro do contexto..</i>

⁴ Marcuschi em seu estudo usufrui de uma espécie de tabela, para a melhor visualização do processo de retextualização.

Outros aspectos que poderíamos destacar neste texto, seriam os de Linguagem, os quais saltam diretamente aos olhos, quando analisados. Foi feito um esquema de análise, mas não significa que este valerá para todos os textos. Neste texto, por exemplo, a estrutura verbal é, de certa forma, predominante. Ocorrerão, também, funções de linguagem; a carga de adjetivação, a organização dos períodos, os tipos de discurso - as quais são perceptíveis em todos os textos.

No primeiro parágrafo de “O domingo”, há predomínio de passado com um único presente: “era domingo”, “reconhecia as coisas”, “nada tinha a fazer”, “a cor do firmamento que parece...”. Qual seria a razão dessa predominância, ou dessa constância de passado quebrada de repente por um presente?

outros aspectos que a gente poderia pensar em...em destacar aqui nesse texto...seriam aqueles aspectos De linguagem...que saltam diretamente aos olhos desde que a gente analisa...eu fiz um esquema...eh:: dos aspectos que deveriam ser analisados...mas isso não significa que esse esquema vá vale pra Todos os textos...então por exemplo ...Nesse aqui...o a/a estrutura verbal...ela é de certa forma predomina:nte...vocês vão ver logo em seguida por quê...porque não significa... repito... que no outro texto é a estrutura verbal é que vá a/a ser privilegiada...também vocês vão ver aqui por exemplo... a carga de adjetivação...a organização dos períodos...o a:a/ os tipos de discurso...funções de linguagem...Isso são coisas que seriam passíveis de ver em todos os textos...então vejam bem...no primeiro parágrafo ah do/ do “O domingo”...vocês tem um predomínio de: passado... com um único presente...vocês tem “ era domingo ”... ”reconhecia as coisas ”... ” nada tinha a fazer ”... de repe:nte vocês tem “ a cor do firmamento QUE parece () ”...qual seria a razão dessa predominância...ou dessa constância de passado...e quebrada de repente por um presente?...

A função aqui realmente tem apenas a conotação de função verbal, ou uma sobrecarga de função?

Em “a cor da água, a cor do eucalipto, a cor da relva, lá, aqui, mais próximo, e aqui bem próximo a cor da água que parece...”, além da função verbal haverá acúmulo de função, devido ao presente que exercerá uma função adverbial. Neste passado existe uma noção de distância: lá a cor da água, lá a cor da relva, mais próxima a cor do eucalipto e aqui a cor da lagoa, somando-se à função adverbial de distância a função verbal de organização e de situação.

?... será que realmente a funça/a função verbal é o QUI tem aPENas a conotação de função verbal?...ou ela/ela tem uma sobrecarga de função?...vejam bem...” a cor da água... a cor do eucalipto ...a cor da relva...LÁ... aqui... mais próximo...e aqui bem próximo a cor da água QUE parece (ouro baço) ”...então vocês vão poder perceber... que além da função verbal...vai haver um acú:mulo de função por esse presente...que vai exercer uma função adverbial...então esse passado seria por exemplo ah:: daria uma noção de distância “ lá a cor da água...lá a cor da relva...mais próxima a cor do eucalipto e AQUI a cor da lagoa ” então vocês teriam além da função verbal de organização de:: de/ de estado de situação... essa função ad/ adverbial de distância... certo...

O texto-base contém 463 caracteres, enquanto a retextualização contou com 329. Ou seja, houve uma perda de 28% (134 palavras). Essa perda é natural na passagem do texto oral para o texto escrito. E, se tratando de uma EF, na qual não há muitas marcas de informalidade, embora seja um texto oral, 28% é uma proporção razoável, pois, como já foi dito, apenas a retirada de elementos interacionais já figura, normalmente, 20% de perda no texto escrito.

3. Considerações finais

A retextualização permite não apenas que comparemos a fala e a escrita para observarmos suas semelhanças e diferenças, mas também funciona como exercício de compreensão do texto, pois esse é trabalhado nos dois níveis (a escrita e a fala). De acordo com a natureza do texto oral, não são necessários muitas operações retextuais para transformá-lo. A passagem do texto oral para o escrito implica em perda de caracteres, como foi constatado nesse trabalho. Embora seja muito presente no cotidiano de todos, o estudo da prática retextual no texto oral para o escrito é pouco estudada e abordada nos meios acadêmicos, o que é ressaltado pelo próprio autor do modelo de retextualização, Marcuschi, o qual sugere novos estudos e aprimoramento daquele.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Maria Lucia C.V.O.; FÁVERO, Leonor Lopes e AQUINO, Zilda Gaspar O. “A correção no texto falado: tipos, funções e marcas”. In NEVES, Maria Helena de M.(org). *Gramática do Português Falado. Vol. VII: Novos Estudos*. São Paulo/Campinas: Humanitas/Ed. UNICAMP, 1999.

BRAIT, Beth. “Interação, gênero e estilo”. In PRETI, Dino (org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002.

FÁVORO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 1991.

FIORIN, José Luiz. “Pragmática”. In *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. São Paulo: Editora Contexto, v.2, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. “A hesitação”. In *Gramática do Português Falado. Vol. VII: Novos Estudos*. São Paulo/Campinas : Humanitas e Ed. UNICAMP, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez editora, 2000.

RISSO, Mercedes Sanfelice. “Aspectos textuais- interativos dos marcadores discursivos de abertura 'bom, bem, olha, ah' no português culto falado”. In *Gramática da língua falada Vol. VII: Novos Estudos*. São Paulo/Campinas: Humanitas e Ed. Unicamp, 2002.